

INTÉRPRETES

DO BRASIL



FERNANDA PESSOA
GRUPO EDUCACIONAL

É proibida a reprodução total ou parcial, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (CP, art. 184 e Lei 9.610/80) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98).





RELENDO TARSILA, DE PAULO SERGIO (2021)

25 faces que estão em tons de marrons representam os trabalhadores brasilienses que foram fotografados na Rodoviária do Plano Piloto. Os outros 25 rostos, pintados em tons de cinzas, homenageiam importantes artistas modernistas.

Pensar o Brasil é pensar sobre nós mesmos e sobre os motivos pelos quais todos os fatos atuais ocorrem. Isso dá trabalho, sim, mas é também libertador.

As engrenagens da história não param. O que contam sobre nós, sobre o nosso país e sobre a nossa sociedade está em constante construção: são perspectivas e análises mil esperando para serem acessadas, processadas e questionadas. Pensando nisso, tomando como base a necessidade de aumentar o repertório sociocultural, nada melhor do que trazer autores e autoras que falam sobre nós, brasileiros e brasileiras, e sobre os nossos problemas.

Se concorda com o conteúdo trazido neste material, ótimo. Se não concorda, ótimo também! Pesquise, compare, reaja! Sempre! Tudo que você lerá a seguir foi feito com muito carinho, muito respeito e, principalmente, muito estudo e muita pesquisa! Espero que goste desta versão, completamente autoral, inédita e atualizada, de uma ideia que nasceu em 2018 e, até hoje, tem dado o que falar! Ou melhor, o que escrever.

Um beijo e bons estudos!

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

24 de abril de 1930 -
ESTÁ VIVÍSSIMA

Resumão da carreira: Economista, matemática e escritora portuguesa naturalizada brasileira. Trabalhou na elaboração do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e atualmente é professora-titular da Universidade Estadual de Campinas e professora-emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Obra analisada: Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro

Vale muito a pena também assistir à participação da economista no programa Roda Viva! Confira!



Segundo Tavares, o modelo econômico adotado pelo Brasil desde a década de 1990, baseado na liberalização do comércio, na desregulamentação financeira e na privatização de empresas estatais, não trouxe os resultados esperados em termos de crescimento econômico e redução da pobreza. Em vez disso, ela argumenta que esse modelo levou a um **aumento da desigualdade social e a uma dependência crescente do país em relação ao capital estrangeiro.**

Na obra analisada, a economista, hoje conhecidíssima pelos jovens graças a alguns vídeos que viralizaram no TikTok,

com algumas de suas declarações sobre a nossa economia, analisa a trajetória da economia brasileira desde a década de 1930 até o início do século XXI. Uma das principais ideias defendidas pela autora é que o Brasil passou por diferentes etapas no processo de desenvolvimento econômico, desde a substituição de importações até a adoção do modelo neoliberal, marcado pela hegemonia do capital financeiro

A tese que defende, nessa perspectiva, é a de que a substituição de importações, estratégia que consistia em substituir as importações de bens manufaturados por produtos fabricados no Brasil, incentivando, assim, o crescimento da indústria nacional, foi, sim, bem-sucedida. No entanto, ao mesmo tempo, gerou uma série de problemas, como a dependência tecnológica em relação aos países desenvolvidos, a falta de competitividade da indústria brasileira em relação aos mercados internacionais e a concentração de renda e poder econômico nas mãos de poucas empresas.

Para ela, isso acontece porque as exportações têm papel diferenciado nas economias centrais e nas periféricas.

Nas economias centrais, embora as exportações sejam de grande importância para a renda nacional, a responsabilidade pelo crescimento da economia não é um peso que se deve carregar só.



Ao contrário, na América Latina, as exportações são praticamente as únicas responsáveis pelo crescimento da economia, o setor exportador é o eixo central da economia e normalmente essa exportação se assenta em apenas um ou dois produtos primários. Temos, segundo ela, uma desvantagem em relação aos países desenvolvidos devido a nossa posição periférica na economia mundial, além de sermos ainda muito dependentes dos países centrais.

Os países de economia periférica foram, em geral, colônias dos países centrais ou então apresentaram um desenvolvimento tardio. Têm que importar capital e tecnologia dos países centrais.

Os países dependentes não conseguem criar uma economia forte o suficiente para ter um desenvolvimento autônomo, independente das economias centrais, em parte, exatamente porque existe essa relação de subordinação.

É como se o Brasil quisesse se emancipar do resto do mundo, aumentando a industrialização, mas sem levar em consideração condicionantes socioeconômicos ligados à própria formação estrutural do país (mão de obra ruim, dependência tecnológica em relação aos polos de tecnologia dos países 'centrais').

É um país de capitalismo tardio que tentou repetir a fórmula de industrialização de outros países e deu ruim...



Isso faz sentido, quando, por exemplo, pensamos no fato de que até hoje somos os maiores produtores de alimento do mundo, mas mesmo assim assistimos ao nosso país voltar para um mapa para o qual nunca deveria ter sido sequer incluso, que é o Mapa da Fome (ONU).

Enquanto a agência da ONU, em 2022, apontou que cerca de 15 milhões de brasileiros e brasileiras que passam fome, a Rede Penssan estima 33 milhões. Já de acordo com o FGV Social, seriam cerca de 77 milhões de pessoas com algum nível de insegurança alimentar no país.

São milhões de pessoas que vivem em um país que em 2021 foi o maior exportador mundial de soja do planeta (91 milhões de toneladas), terceiro maior produtor de milho e feijão (105 milhões e 2,9 milhões de toneladas, respectivamente) e que mais exportou carne bovina para o mundo (2,5 milhões de toneladas, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)).

Dessa forma, por mais que todo esse processo de substituir as importações tenha sido, à época, bom, ele perpetuou desigualdades socioeconômicas. Segundo a autora, o processo de industrialização ocorreu em um contexto em que o Estado brasileiro teve um papel central na alocação de recursos e na construção de um mercado interno, mas que também reforçou a concentração de renda e de poder nas mãos de poucos grupos econômicos.

Para Tavares, o Brasil precisa adotar uma política econômica mais voltada para o mercado interno, que estimule o desenvolvimento da indústria nacional e priorize a distribuição de renda. Nesse sentido, ela defende o fortalecimento do papel do Estado na economia, com a criação de políticas públicas que incentivem o investimento em setores estratégicos, como energia, infraestrutura e tecnologia.



Já na década de 1990, com a adoção do modelo neoliberal, o Brasil passou a adotar políticas econômicas que promoveram uma maior abertura comercial, a privatização de empresas estatais e uma maior integração na economia global.

Para Tavares, essas políticas aprofundaram as desigualdades no Brasil, principalmente pela falta de uma regulação adequada e pela crescente financeirização da economia, que concentrou ainda mais o poder econômico nas mãos de grandes grupos financeiros.

TEMAS RELACIONADOS

Desigualdade regional

Questões fundiárias

Concentração de renda

Industrialização IDH

Mercado de trabalho

Economia nacional Fome

Pobreza História do Brasil

Meio ambiente Educação

Assistência social

Globalização



CITAÇÕES DA AUTORA

“ O que temos hoje no Brasil não é uma feridinha à toa que possa ser tratada com um pouco de mertiolate ou coberta com um esparadrapo. O Estado e a sociedade brasileira estão em uma mesa de cirurgia. O corte é profundo, órgãos vitais foram atingidos, o sangramento é dramático. Este ressorgimento não deverá vir das urnas. Não vejo a eleição como um evento potencialmente restaurador, capaz de virar a página, de ser um marco da reconstrução. ”

“ Cheguei achando que encontraria uma democracia e uma civilização original dos trópicos. E continuo querendo uma democracia racial nos trópicos, que era a tese do Darcy Ribeiro. Mas por enquanto não tem, ao contrário, está ameaçada ”

“ Ninguém come PIB, come alimentos ”

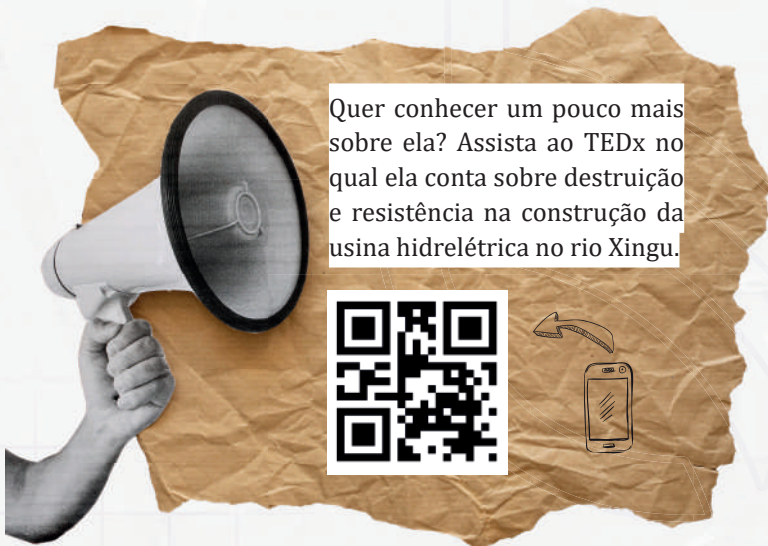


ELIANE BRUM

23 de maio de 1966 - ESTÁ VIVÍSSIMA

Resumão da carreira: Eliane Brum é uma jornalista, escritora e documentarista brasileira. Ela nasceu em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 1966, e já trabalhou em diversos veículos de comunicação, como a revista Veja, o jornal Zero Hora e o jornal Folha de S.Paulo. Atualmente, ela é colunista do jornal El País Brasil.

Obra analisada: “A vida que ninguém vê” (2006)



Quer conhecer um pouco mais sobre ela? Assista ao TEDx no qual ela conta sobre destruição e resistência na construção da usina hidrelétrica no rio Xingu.



Eliane Brum tem como foco de seu trabalho a realidade social brasileira, em especial as questões relacionadas à desigualdade social, pobreza, violência, direitos humanos e meio ambiente. Ela é conhecida por sua abordagem sensível e humana desses temas, buscando dar voz e visibilidade às pessoas que muitas vezes são invisibilizadas e marginalizadas na sociedade brasileira.

Na obra “A Vida Que Ninguém Vê”, Eliane Brum defende a ideia de que a vida das pessoas comuns, em especial os moradores das periferias urbanas, não recebe a devida atenção e valorização por parte da sociedade

brasileira. A autora argumenta que essas pessoas são frequentemente invisibilizadas e estigmatizadas pela mídia e pelas instituições, e que isso contribui para perpetuar as desigualdades sociais no país.

Para Brum, a vida das pessoas comuns é composta de histórias singulares e ricas em significados, que merecem ser contadas e valorizadas, inclusive no que diz respeito à promoção de políticas públicas. Isso porque, para a jornalista, deve-se compreender que as pessoas que vivem em situação de pobreza não são meramente “vítimas” passivas, são agentes ativos que possuem saberes e experiências valiosas. E esses conhecimentos oriundos das comunidades locais, em conjunto com o poder público, são capazes de construir soluções sustentáveis e efetivas para as problemáticas sociais.

Em vez disso, muitas políticas públicas são criadas sem levar em conta as necessidades e as demandas reais das pessoas que deveriam ser beneficiadas por elas. Grande parte delas, inclusive, são desenvolvidas sem ter como objetivo a resolução real dos problemas a que se propõem resolver, porque têm como base interesses escusos políticos ou



É proibida a reprodução total ou parcial, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (CP, art. 184 e Lei 9.610/80) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98).

econômicos, ou tentam apenas atender às exigências de organismos internacionais.

A autora destaca, nessa perspectiva, a importância de políticas públicas que visem à inclusão social e à redução das desigualdades, bem como de uma mudança de mentalidade por parte da sociedade brasileira, para que sejam valorizadas a diversidade e a riqueza das diferentes culturas e experiências.

Eliane Brum aponta que as desigualdades sociais no Brasil têm impactos profundos e duradouros na vida das pessoas, afetando sua saúde, educação, trabalho, moradia e outros aspectos essenciais da vida, como autoestima e confiança. A falta de perspectivas de vida e a exclusão social afetam a autoestima e a autoconfiança das pessoas, levando a problemas de autoimagem e de autoaceitação. Ela argumenta que essas pessoas muitas vezes sofrem de uma autoimagem negativa, em parte devido à forma como são retratadas pela sociedade e pelos meios de comunicação, que ora retratam pessoas pobres como vítimas passivas, dignas de salvação, ora como criminosas, perigosas e distantes do que se deve ser (ou ter).

Além disso, ressalta como a falta de acesso a políticas públicas de formação profissional e de emprego afeta as pessoas, especialmente as mais vulneráveis, as quais acabam se submetendo a trabalhos precários, sem direitos trabalhistas, por exemplo, privando-as de oportunidades e de um futuro melhor.

ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

Eliane Brum também mostra como muitas pessoas LGBT enfrentam dificuldades em ter acesso a serviços básicos, como saúde e educação, e como o preconceito e a falta de compreensão por parte de profissionais dessas áreas pode prejudicar a qualidade de vida dessas pessoas.

Quando não expulsas de suas próprias casas, muitas vezes, e assim vulneráveis à situação de rua, à violência e à exploração sexual, são vítimas de um mercado de trabalho que não permite a expressão de suas próprias identidades de gênero e de sexualidade. Para não sofrer discriminação e preconceitos, a maioria prefere ocultar sua orientação sexual e identificação de gênero.

TEMAS RELACIONADOS

Política pública
Pessoas em situação de rua
Miséria Pobreza
Desigualdade social
Estigmas sociais
Preconceito de classe
Empregabilidade
Fome Moradias irregulares
Representatividade
Invisibilidade social
Sexualidade e identidade de gênero



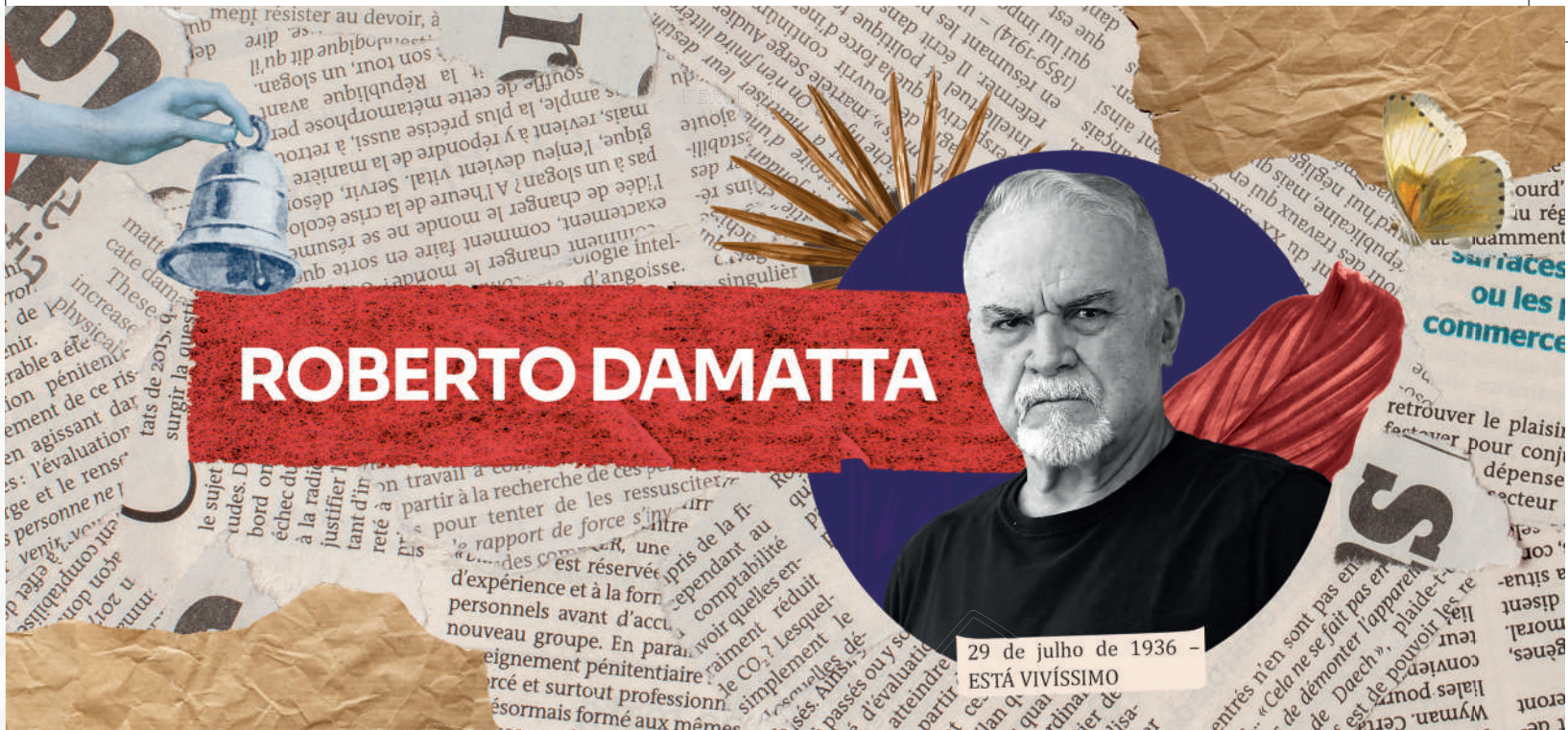
CITAÇÕES DA AUTORA

“ Nas andanças pelo Brasil que, muito mais tarde, eu faria como repórter, escutei de homens e mulheres das mais variadas geografias uma expressão que revela a finura da linguagem do povo brasileiro: “Sou cego das letras”. Era como expressavam, em voz sentida, sua condição de analfabeto.

“ Cuidar é escutar a demanda da vida. É não tratar como morte o que é vida e como coisa o que é gente

“ É que as piores deformações são as invisíveis.





Resumão da carreira: é formado em Sociologia e Política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele obteve o título de mestre em Antropologia Social pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, e o de doutor em Antropologia Social pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

Obra analisada: O que faz o Brasil, Brasil?(2001)

hierarquia e da burocracia no Brasil, a relação entre a família e o Estado, e a influência da religião, em particular o catolicismo, na cultura brasileira.

Além disso, o autor apresenta uma reflexão sobre as diferentes formas de expressão cultural brasileira, como a música, a literatura, o futebol e o carnaval, e como essas formas de expressão refletem a diversidade cultural do país.



A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO SIMBÓLICA DA CULTURA BRASILEIRA

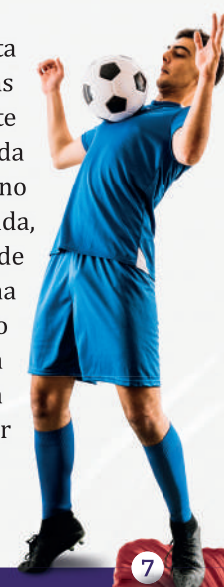
Da Matta argumenta que a cultura brasileira é rica em símbolos e significados, que estão presentes em diversas esferas da vida social, como o futebol, o carnaval e as festas religiosas. Esses símbolos, para ele, são fundamentais para a construção da identidade nacional e para a compreensão das relações sociais no país.

O livro *O que faz o Brasil, Brasil?* de Roberto DaMatta é uma obra clássica da antropologia brasileira que busca entender a identidade e cultura do Brasil a partir de uma perspectiva antropológica.

O autor argumenta que o Brasil é uma sociedade complexa e única, onde coexistem diversas culturas e formas de organização social que se interconectam e se influenciam mutuamente. Para isso, o autor reflete sobre os traços culturais brasileiros e seus reflexos na vida cotidiana, nas relações sociais e na política.

Dessa maneira, ele discute pontos importantes a respeito da nossa vivência nacional, como a importância da

No caso do futebol, Da Matta argumenta que ele não é apenas um esporte, mas também uma atividade cultural, que reflete a identidade nacional e as características da sociedade brasileira. Isso porque o esporte no país é vivido de maneira intensa e apaixonada, e que por isso é capaz de unir pessoas de diferentes classes sociais em torno de uma mesma paixão. Além disso, o futebol é visto como um meio de ascensão social para muitos jovens brasileiros, que sonham em se tornar jogadores profissionais e alcançar o sucesso.



Já em relação ao carnaval, Da Matta argumenta que ele é uma manifestação cultural que revela a criatividade e a diversidade do povo brasileiro. Ele destaca que o carnaval é um momento em que as diferenças sociais são deixadas de lado e as pessoas se unem para celebrar a vida e a cultura brasileira. É, segundo o autor, uma expressão da alegria de viver do povo brasileiro, e revela a importância do convívio social e da comunicação para a cultura brasileira.

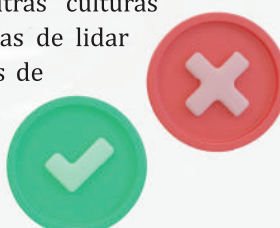


A AMBIGUIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS

O autor defende que a sociedade brasileira é marcada por uma ambiguidade nas relações sociais, em que as pessoas muitas vezes adotam comportamentos contraditórios e convivem com valores aparentemente opostos. Por exemplo, a cultura do “jeitinho” e da malandragem pode ser vista como uma forma de criatividade e flexibilidade, mas também pode levar à corrupção e à desigualdade social.

Com relação à questão do brasileiro levar vantagem, Roberto DaMatta argumenta que essa atitude tem raízes profundas na cultura brasileira; essa “lei da vantagem” é uma espécie de código moral não escrito que rege as relações sociais no Brasil, e que está presente em todos os aspectos da vida brasileira, desde a política até as relações pessoais, é um reflexo da estrutura social brasileira - profundamente desigual e marcada por relações de poder assimétricas.

Ressalta-se, no entanto, que essas atitudes não são exclusivas do Brasil, e que outras culturas também têm suas próprias formas de lidar com a desigualdade e as relações de poder. Além disso, apesar de ser um traço negativo, também pode ser visto como uma forma de sobrevivência e adaptação em



uma sociedade desigual e competitiva. Em muitos casos, a busca por vantagens pode ser uma forma de os indivíduos garantirem sua subsistência e a de seus familiares. Assim, torna-se imprescindível entender as múltiplas vozes e perspectivas que coexistem na sociedade brasileira.

O PAPEL DO ESTADO

Da Matta argumenta que a estrutura do Estado brasileiro é marcada pela burocracia e pela falta de eficiência, o que muitas vezes dificulta a implementação de políticas públicas e a garantia de direitos sociais. Ele defende, nessa perspectiva, a importância de uma maior participação da sociedade civil na construção de políticas públicas e na luta pelos direitos sociais.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

Segundo DaMatta, a educação no Brasil tem sido historicamente caracterizada por uma falta de investimento e uma falta de conexão com as necessidades e realidades do país. Ele argumenta que a educação brasileira tem sido influenciada por uma mentalidade colonial que valoriza a imitação de modelos estrangeiros em detrimento do desenvolvimento de uma identidade e cultura próprias e isso tem contribuído para a perpetuação da desigualdade social e para a falta de participação política no país.



Para o autor, a educação é um fator fundamental para a transformação da sociedade brasileira, pois pode contribuir para a construção de uma cultura de valores democráticos e para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

TEMAS RELACIONADOS

- Corrupção
- Cultura nacional
- Esportes Futebol
- Expressões artísticas e literárias nacionais
- Identidade nacional
- Patriotismo Voto
- Representatividade
- Sistema político brasileiro
- Minorias sociais
- Economia criativa
- Formação e história do Brasil



CITAÇÕES DO AUTOR

“ No Brasil todas as situações sociais têm algum “dono”. Se este não é uma pessoa concreta, é um santo. Se não é um herói, é algum domínio. Sempre – e este é o ponto-chave – existe uma necessidade de impor um código qualquer, de modo que a situação possa ser hierarquizada. ”

“ Sabemos que é quase impossível julgar uma pessoa no Brasil, pois aqui quem está no banco dos réus é uma família, uma parentela, uma rede de relações, um partido político. ”

“ O esporte é importante para modernizar nossa visão de mundo, porque socializa a gente, na derrota e na vitória. ”





DAVI KOPENAWA

EM PARCERIA COM O ANTROPÓLOGO BRUCE ALBERT

Resumão da carreira: como é líder indígena Yanomami, não teve uma formação acadêmica formal nos moldes ocidentais. No entanto, como muitas outras lideranças indígenas, Kopenawa possui um vasto conhecimento sobre a cultura, história e meio ambiente de seu povo, transmitido por meio de tradições orais e práticas cotidianas.



Obra analisada: A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami (2015)

por Bruce Albert, o etnólogo que coletou os depoimentos de Kopenawa.

Davi Kopenawa, importante defensor da demarcação de terras indígenas e da proteção dos Yanomami contra ameaças como a invasão de garimpeiros ilegais, relata todas as suas experiências como uma criança que cresceu numa região isolada e que foi depois vítima da presença de homens brancos, os quais provocaram um surto de doenças no local, matando vários membros da sua comunidade. Ele, então, mora por um período numa região cercada por missionários, relatando essa experiência principalmente na segunda parte do livro.



Antes da nossa análise, fica a dica: assista à participação do autor no programa Roda Viva, há quase três décadas.



Curiosidade

Em 2019, Davi Kopenawa foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz pela Hutukara Associação Yanomami e pelo Instituto Socioambiental (ISA), em reconhecimento a sua luta pelos direitos indígenas e pela preservação da floresta amazônica.

O livro é dividido em três partes, além de possuir as páginas iniciais dedicadas a introduções escritas por teóricos e as páginas finais voltadas para as notas e os anexos, escritos

É só quando adulto que Kopenawa vai trabalhar na FUNAI e passa a interagir de fato com os homens brancos. Essa trajetória é descrita com bastante ênfase em cima de momentos tanto de troca cultural quanto de cruéis amostras do preconceito que afetava a vida de Kopenawa ali. Há relatos de histórias angustiantes de homens brancos que tentavam invadir a região, que casavam com mulheres indígenas e as abandonavam grávidas, ou que simplesmente levavam doenças para essas comunidades e depois iam embora, deixando um rastro de mortos para trás.

Também acompanhamos a dificuldade que era denunciar essas situações, o descaso das autoridades com o que se passava entre os habitantes nativos, o modo como se ignorava casos óbvios de corrupção que só promoviam o genocídio indígena e a morte dos animais e da floresta. É desolador acompanhar o quanto Kopenawa se entristeceu e fica com raiva dessas situações, e cada um desses momentos relatados fazem com que o leitor compreenda o porquê de ele ter se tornado a figura política que ele se tornou.

A obra nos permite ver aquilo que não queremos ver quando vivemos no dia a dia, abre nossos olhos para toda uma cultura do nosso país que não conhecíamos ou não queríamos nos esforçar a conhecer. A palavra de Kopenawa é um aviso e um diagnóstico sobre nosso mundo. Alerta para o envenenamento das águas e a destruição das florestas, apontando para o inevitável e trágico desfecho deste processo, a menos que haja uma mudança improvável e radical nas nossas atitudes.



PERSPECTIVAS DIVERGENTES: MEIO OU MEU AMBIENTE?

Sob o discurso de progresso, conhecemos tempos de chumbo, massacre e genocídio das comunidades tradicionais, principalmente indígenas. O nosso modelo de sociedade leva à destruição social e ambiental em grande escala.

Inúmeros estudos científicos têm comprovado, nos últimos anos, que nossa sociedade está a um passo de desastres ambientais de uma magnitude inimaginável. Trata-se de um modelo de predação generalizada de povos, cultura, crenças e vida.

Como forma de contrastar com essa perspectiva, na obra há um foco bem interessante na percepção dos yanomami

sobre a formação do mundo. Temos com ainda mais força a presença dos Xapiri, que seriam entidades yanomami criadas por Omama, a figura central da cultura deles. Além da apresentação deles sobre como o mundo humano foi criado, tem-se ainda um extenso relato sobre como as missões cristãs interferiram na manutenção cultural dos yanomami e como Kopenawa se desfez dessa influência, que, em vários pontos, acabou nunca conquistando por ser passada por homens brancos que se diziam de fé, mas que praticavam tudo aquilo que diziam ser pecado.

Quanto à comparação da cultura ocidental com aquela dos Yanomamis em torno das relações sociedade e natureza, a designação por este grupo indígena do branco como povo da mercadoria é muito reveladora.

Segundo os xamãs, a Terra é um lugar repleto de Xapiris e outros espíritos, mas com a chegada da mercadoria e da escrita, os descendentes dos primeiros brancos deixaram de ouvir e de comunicar com esses antigos espíritos que voltaram para as montanhas onde habitam. Assim, sem a proteção destes últimos, estamos mais sujeitos a desastres.

Atualmente, apenas os xamãs Yanomamis sabem chamar os Xapiris para que dancem a fim de conter seres maléficos do mundo e combater as epidemias (Xawara), além de manter o céu no seu devido lugar. Caso o homem branco, povo da mercadoria, continue a exterminar os últimos povos indígenas e seus Xamãs, os espíritos fugirão para sempre, abandonando o mundo em um caos e assim chegará a queda do céu.

Efetivamente, há uma diferença enorme entre a visão do povo indígena yanomami sobre a floresta amazônica, onde vivem, e aquela da sociedade capitalista do homem ocidental. Este último considera a floresta Amazônica como mercadoria, provocando seu desmatamento.

O significado da floresta para os Yanomami é aquele de seu lugar sagrado. Este povo pratica inúmeros rituais que favorecem a preservação da floresta e a solidariedade entre os membros desta sociedade. Por exemplo, quando um Yanomami caça um animal para se alimentar, ele não o consome no momento do abate, mas compartilha com os demais quando retorna para a comunidade.

POVO YANOMAMI

Kopenawa defende a ideia de que os povos indígenas são os guardiões da natureza e que a preservação do meio ambiente depende da proteção das terras indígenas e da valorização da cultura e dos saberes desses povos – gradualmente esquecidos e perdidos devido à interferência da cultura ocidental. Conhecimentos tradicionais dos Yanomami sobre plantas medicinais e sobre o equilíbrio entre os seres vivos e o meio ambiente para a promoção da saúde e do bem-estar, por exemplo, estão cada vez mais ameaçados.



Para ele, a proteção da natureza e dos direitos indígenas estão intrinsecamente ligados como a destruição da

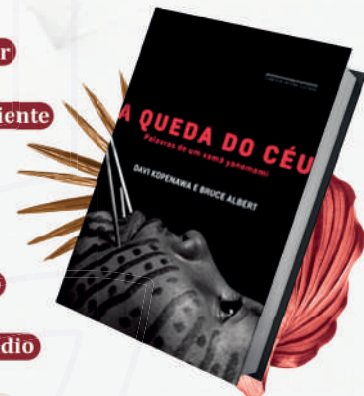
natureza e a invasão das terras indígenas ameaçam a cultura e a subsistência dos povos indígenas, pois a exploração desenfreada dos recursos naturais, como a mineração, a extração de madeira e a agropecuária não são atividades sustentáveis, isto é, não levam em consideração os limites da natureza e o equilíbrio entre seres vivos e meio ambiente.

A contaminação dos rios e do solo por mercúrio e outros metais pesados tem afetado a saúde das pessoas, causando doenças como malária, diarreia, cólera e outras infecções. Além disso, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e a medicamentos tem agravado o quadro de saúde dos Yanomami.

Além disso, Kopenawa argumenta que as causas das doenças não são apenas físicas, mas também espirituais, sociais e culturais. Ele afirma que a destruição da natureza e a invasão das terras indígenas afetam o equilíbrio entre os seres vivos e o meio ambiente, o que leva a doenças físicas e espirituais.

TEMAS RELACIONADOS

- Diferentes formas de saber
- Questões fundiárias
- Preservação do meio ambiente
- Agronegócio
- Povos originários e tradicionais
- Cultura e ancestralidade indígena
- Poluição
- Desmatamento
- Saúde do povo indígena
- Sustentabilidade
- Genocídio

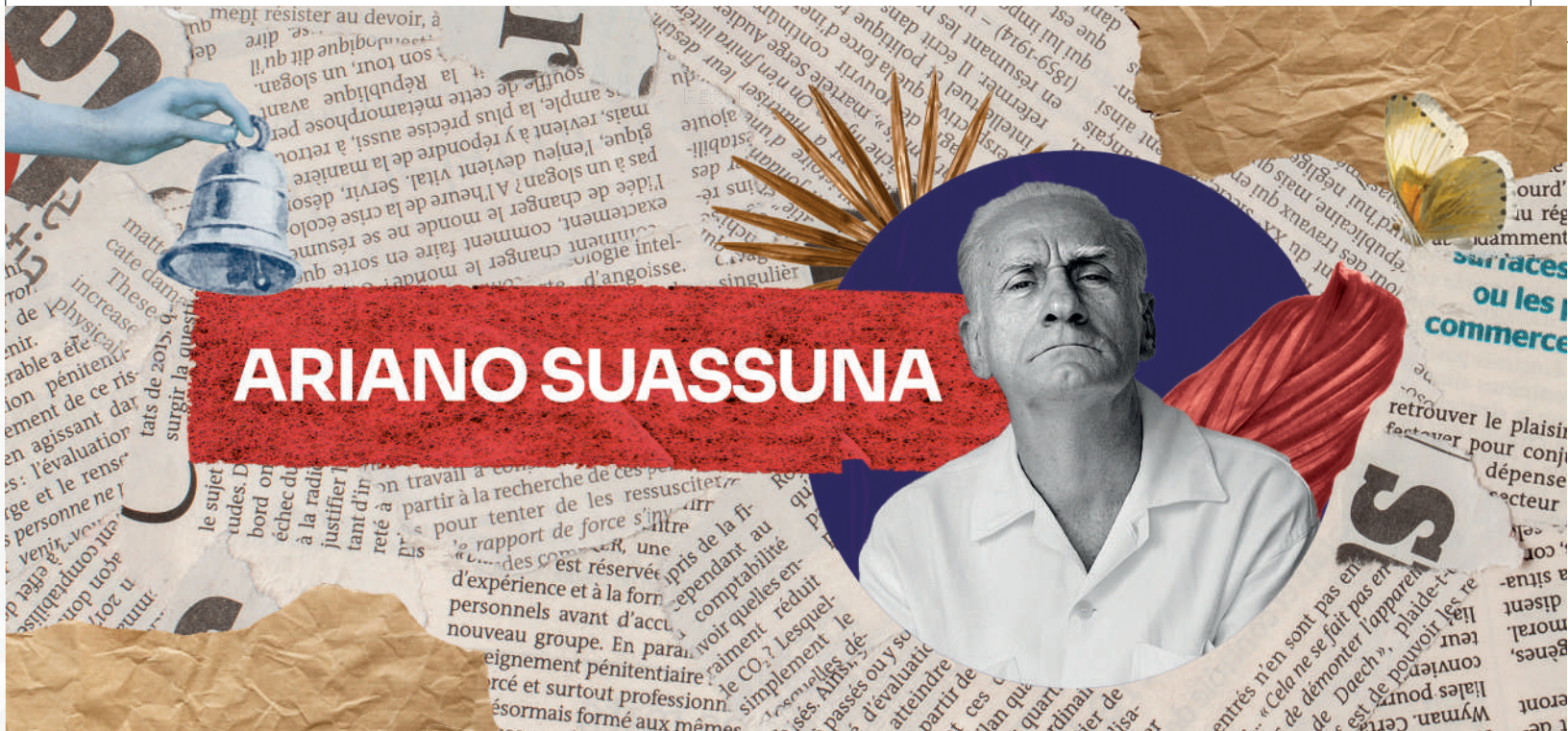


CITAÇÕES DO AUTOR

“O dinheiro não nos protege, não enche o estômago, não faz nossa alegria. Para os brancos, é diferente. Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós. Preferem não saber que o trabalho dos xamãs é proteger a terra, tanto para nós e nossos filhos como para eles e os seus.”

“Entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós.”

“Os brancos não sonham tão longe como nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos.”



ARIANO SUASSUNA

Resumão da carreira: Ariano Suassuna formou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1948. Embora tenha se formado em Direito, ele se destacou principalmente como escritor, dramaturgo e poeta, sendo considerado um dos maiores representantes da cultura nordestina brasileira e uma das principais personalidades da literatura e teatro do país. Além de sua carreira artística, Suassuna também foi professor de Estética e Teoria do Teatro na UFPE.

Obra analisada: Movimento Armorial

educação e uma cultura de qualidade. Dessa forma, por quase um século, ele percebeu a necessidade de mostrar um país ao outro.

Para o professor Suassuna, o povo tinha que ter acesso à educação e à cultura porque o “Brasil real” merecia uma educação ideal. **Educação que deveria ser levada aos sertões, às periferias, às favelas, como um projeto pautado na construção do conhecimento e da valorização da memória cultural e da identidade da gente brasileira.** Quem não entende isso, não entende o Brasil.



Assista à participação de Ariano no programa Roda Viva! Um verdadeiro show! Confira



BRASIL REAL E BRASIL OFICIAL

A grande relevância de décadas de sala de aula e dos projetos culturais de Ariano Suassuna foi a compreensão do “Brasil real” pelo “Brasil oficial”. Para ele, seria impossível valorizar o Brasil sem valorizar seu povo do sertão, das periferias e das favelas, sem oferecer-lhes uma

Dessa maneira, nos seus muitos anos de pesquisa e estudo, elaborou a sua literatura e docência, com o popular e o erudito sempre se imbricando e tendo o Movimento Armorial como a concretização dessa rede de sociabilidade. Um grande exemplo disso acabou sendo a interação da orquestra sinfônica com os cantadores, que foi na verdade uma iniciativa de oferecer ao povo a cultura erudita e mostrar ao erudito o valor do popular, desmistificando o discurso construído pela classe dominante de que aquilo que nasce do povo não tem qualidade.



MOVIMENTO ARMORIAL: A FUSÃO DE BRASIS

Em sua obra “Manifesto do Movimento Armorial”, de 1970, Suassuna propôs a criação de uma arte erudita brasileira,

É proibida a reprodução total ou parcial, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (CP, art. 184 e Lei 9.610/80) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98).

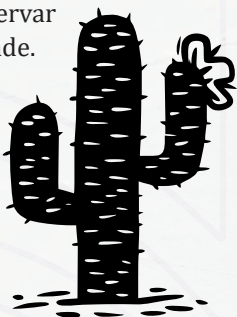


inspirada nas raízes culturais populares do país. Ele acreditava que a valorização dessas raízes seria uma forma de combater o complexo de inferioridade em relação à cultura europeia, que historicamente dominou o pensamento artístico brasileiro.

A ideia era promover uma fusão da cultura popular brasileira, como a literatura de cordel, o repente, a música folclórica e as festas populares, com a cultura erudita, como a música clássica, a pintura, o teatro e a literatura. Ele entendia que a base da cultura erudita vinha das nossas tradições ibéricas, no decorrer dos séculos de história, reinterpretadas por negros, índios e mestiços, dando origem à cultura popular. E essa percepção viria a partir das leituras de Os Sertões, de Euclides da Cunha e dos textos machadianos.

Na origem do movimento, havia uma preocupação com o que Ariano Suassuna percebia como “descaracterização” e “vulgarização” da cultura brasileira genuína, que segundo ele vinha sofrendo ataques intensos da cultura pop, da indústria cultural em geral, da invasão norte-americana, que não apenas destruíam manifestações tradicionais como importavam o que havia de pior para o consumo do povo. Para ele, havia uma excessiva influência estrangeira na nossa cultura e que, por isso, deveria ser limitada e “controlada” a fim de preservar pontos importantes da nossa identidade.

Já o nome do movimento vem da palavra “armorial”, que significa algo relacionado a brasões e heráldica, e foi escolhido por Suassuna para simbolizar a busca por uma arte brasileira que tivesse o mesmo status e importância que a arte erudita europeia.



EDUCAÇÃO

Em relação à educação no Brasil, Ariano Suassuna defendia uma educação que valorizasse a cultura popular e as tradições regionais.

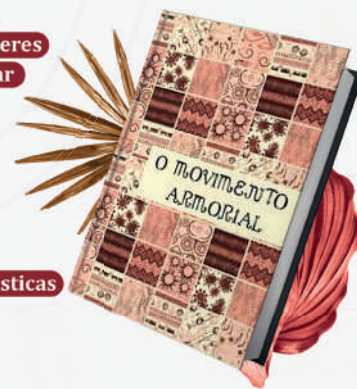
Ele acreditava que a educação deveria ser um processo de formação integral do indivíduo, e não apenas uma preparação para o mercado de trabalho. Dessa maneira, defendia que a educação deveria promover a formação de cidadãos críticos e conscientes da sua identidade cultural, e que essa formação deveria ser baseada não apenas no conhecimento tradicional e popular.

Além disso, Suassuna também criticava o sistema educacional brasileiro por ser muito centrado no ensino de disciplinas técnicas e desconsiderar as artes e as humanidades. Por isso, defendia a criação de escolas que valorizassem o conhecimento tradicional e popular, como a literatura de cordel e as festas populares, e que formassem cidadãos críticos e conscientes da sua identidade cultural.

Ele acreditava que o acesso à cultura e às artes, independentemente de classe social e formação educacional, é essencial para o desenvolvimento humano e social, e que a arte pode ser uma ferramenta importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

TEMAS RELACIONADOS

- Nacionalismo
- Ufanismo
- Importância de outros saberes
- Educação
- Cultura popular
- Identidade nacional
- Acesso à educação
- Desigualdade social
- Importância da cultura
- História do Brasil
- Minorias sociais
- Expressões culturais e artísticas
- Novo Ensino Médio
- Educação domiciliar
- Educação a distância



CITAÇÕES DO AUTOR

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.”

“Arte para mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte para mim é missão, vocação e festa.”

“O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso.”





JAIME LERNER

Resumão da carreira: Jaime Lerner foi um arquiteto e urbanista brasileiro que teve passagem na vida política e contribuiu com a urbanização urbana de várias cidades do Brasil e do mundo. Foi eleito pela revista norte-americana Planetizen o segundo urbanista mais influente de todos os tempos, ficando atrás somente de Jane Jacobs. Além disso, Lerner foi prefeito de Curitiba por três mandatos e governador do Paraná por dois mandatos.

Obra analisada: Acupuntura urbana (2003)

positivos em áreas mais amplas. Em outras palavras, assim como na medicina chinesa, em que pequenas agulhas são aplicadas em pontos específicos do corpo para aliviar dores e promover a cura, na cidade é possível identificar “pontos vitais” que precisam ser tratados para melhorar a qualidade de vida da população.

VALORIZAÇÃO DO TRANSPORTE PÚBLICO

Lerner defende a ideia de que o transporte público deve ser a espinha dorsal do sistema de mobilidade urbana e, por esse motivo, deve ser tratado como um serviço público de qualidade, capaz de atender às necessidades da população em termos de conforto, segurança, pontualidade e eficiência.

Para o ex-prefeito, a valorização do transporte público está relacionada com a promoção da sustentabilidade urbana, uma vez que estimula a redução do uso do carro, a utilização de meios de transporte não motorizados, a redução da poluição do ar e do ruído e contribui para a melhoria da qualidade de vida da população como um todo.

Curto e de fácil leitura, a experiência do ex-prefeito por três mandatos consecutivos de Curitiba e duas vezes governador do Paraná, Jaime Lerner, virou capítulos de um livro que tem como abordagem as diferentes possibilidades de se renovar uma cidade – sobretudo através de atitudes criativas e ecléticas.

O nome da obra é uma metáfora criada pelo autor como forma de comparar e descrever um método de intervenção urbana que consiste em aplicar pequenas intervenções em pontos estratégicos da cidade, de forma a gerar impactos

Por isso, ele propõe a criação de uma rede integrada de transporte público, com diferentes modalidades e uma rede de ciclovias, para reduzir a dependência do automóvel, como a criação de corredores exclusivos para ônibus, a implantação de sistemas de bicicletas públicas integrados



Assista à participação do arquiteto no programa Roda Viva! Recomendo muito!

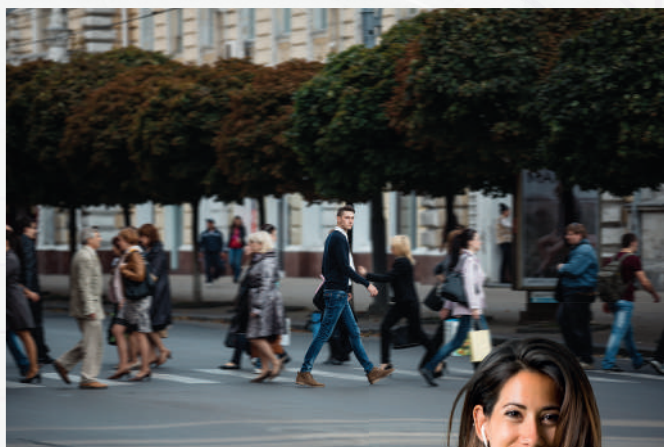


ao transporte público, a melhoria da infraestrutura de estações de metrô e ônibus, entre outros.



Nessa perspectiva, ao defender que intervenções não precisam necessariamente de grandes investimentos financeiros, o autor cita o uso das ciclofaixas, as quais são uma forma acessível e de baixo custo para a criação de uma rede de mobilidade urbana, que podem ser facilmente implantadas em diferentes cidades, inclusive aquelas que possuem uma topografia mais acidentada ou limitações de espaço para a construção de grandes vias. Além disso, podem contribuir para a criação de uma cidade mais humana e saudável, uma vez que incentiva a prática de exercícios físicos, a convivência e o contato social entre os usuários.

PEDESTRE EM PRIMEIRO LUGAR



Segundo o autor, o pedestre é um agente transformador da cidade, capaz de estimular a vitalidade urbana e promover a sustentabilidade, além de ser algo completamente relacionado com a promoção da saúde e bem-estar da população, uma vez que estimula a

É proibida a reprodução total ou parcial, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (CP, art. 184 e Lei 9.610/80) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98).



prática de exercícios físicos, a redução da poluição do ar e do ruído, e contribui para o aumento da segurança urbana. Além disso, ele enfatiza a importância da acessibilidade para garantir a inclusão de todos os cidadãos na vida urbana, especialmente as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Nesse sentido, ao sugerir a redução do espaço dedicado aos carros nas ruas, defende a criação de espaços públicos agradáveis e seguros, que permitam a convivência e a interação social entre as pessoas, como por meio de espaços que priorizem o deslocamento a pé, como calçadas largas e bem iluminadas, ruas compartilhadas, praças com áreas de convivência com bancos e parques voltados para a prática de exercícios físicos.

USO CRIATIVO DO ESPAÇO PÚBLICO



O urbanista argumenta em defesa da criatividade no gerenciamento das cidades, pois o espaço público deve ser concebido como um espaço de possibilidades, capaz de abrigar diferentes atividades e interesses da população, como lazer, cultura, esportes, comércio, entre outros.

Ao enfatizar a importância da participação da comunidade no processo de criação e gestão do espaço público, uma vez que isso pode aumentar o senso de pertencimento e responsabilidade em relação à cidade, propõe o uso de ferramentas de participação popular, como audiências públicas, consultas populares e orçamento participativo, para garantir que as necessidades e demandas da população sejam consideradas no planejamento urbano e, dessa forma, sejam criados lugares multifuncionais, para e pelos próprios cidadãos.



O autor destaca que as cidades precisam de soluções criativas e de baixo custo para enfrentar os desafios urbanos. Ele apresenta exemplos de intervenções urbanas que realizou durante seu mandato como prefeito de Curitiba, no Paraná, como a criação de parques e espaços verdes, a implementação do sistema de transporte público BRT (Bus Rapid Transit) e a revitalização de áreas degradadas e abandonadas.

SUSTENTABILIDADE

Para Lerner, a sustentabilidade não deve ser vista apenas como uma questão ambiental, mas sim como um conceito amplo que engloba a qualidade de vida da população como um todo, pois uma cidade sustentável é aquela que oferece um ambiente saudável, seguro e acessível para todos os seus habitantes, independentemente de sua condição social, econômica ou cultural.



Lerner defende que a sustentabilidade deve estar presente em todas as etapas do planejamento urbano, desde a concepção até a implementação das soluções. Isso por meio do uso de tecnologias limpas e renováveis, da valorização da biodiversidade e dos ecossistemas urbanos, da redução do consumo de recursos naturais e da promoção da eficiência energética.



TEMAS RELACIONADOS

- Mobilidade urbana
- Turismo
- Economia criativa
- Desigualdades socioespaciais
- Questões agrárias
- Políticas públicas
- Cidades inteligentes
- Violência urbana
- Sustentabilidade
- Meio ambiente
- Violência no trânsito
- Transporte público
- Sociabilidade urbana
- Qualidade de vida
- Poluição
- Gentrificação
- Moradias irregulares





JOYCE PESCAROLO

Resumão da carreira: Psicóloga pela Universidade Federal do Paraná (1999), Especialista em Sociologia Política (UFPR em 2004), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (2007) e Doutora pelo programa de Sociologia da UFPR em 2014.

Obra analisada: Sociologia urbana e da violência (2017)

A sociologia urbana é um campo de estudo que investiga a relação entre a vida urbana e a estrutura social, e a violência é um tema recorrente nesse campo. Nesse prisma, a autora apresenta um estudo sobre a violência urbana, examinando as suas causas e as consequências sociais desse fenômeno. Para isso, parte do pressuposto de que a violência é uma expressão da desigualdade social e da persistente falta de políticas públicas adequadas para cada contexto, já que sem um estudo profícuo e específico acerca das múltiplas realidades do Brasil a violência tende a se proliferar, principalmente em áreas periféricas e marginalizadas.

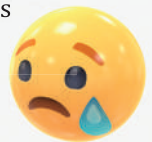


FATORES MULTIFACETADOS DA VIOLÊNCIA

Joyce Kelly Pescarolo aponta diversas causas para a violência urbana, destacando que ela é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve fatores estruturais, culturais e sociais. Portanto, podem ser inúmeras as motivações, afinal o homem é um ser biopsicossocial.

No entanto, a autora destrincha e categoriza três possíveis causas: psicológicas, sociais ou biológicas.

As causas psicológicas podem estar associadas a vários fatores. Trazendo a psicanálise como fundamento, ao declamar que impulsos agressivos são constitutivos nos seres humanos, a autora desta que diversos são os autores e as pesquisas que associam o comportamento violento a privações de afeto e perdas significativas na infância, pois tais privações podem obstruir importantes processos de socialização. Portanto, pode-se inferir que problemas durante o desenvolvimento e a formação das estruturas de personalidade são capazes de gerar comportamentos violentos futuros. As estruturas de personalidade se formam muito cedo na infância, e a forma como a criança se relaciona com o mundo pode dar origem a personalidades com grande potencial para a violência, como é o caso de psicopatas e de alguns tipos de esquizofrenia. Logo, o processo educativo possibilita a constituição tanto de um sujeito pacífico quanto a de um sujeito violento, pois



durante a sua infância o sujeito pode ter sido vítima de humilhações e frustrações, autoritarismo, restrição de diálogo e negociação etc. Tais aspectos podem gerar um grande enfraquecimento dos processos de identificação.

Com relação às causas sociais, ela atesta que há vários fatores que geram violência, e faz uma lista extensa para exemplificar:

- Preconceito de gênero, de raça e de crença;
- Crenças fundamentalistas;
- Desigualdade social e má distribuição de renda;
- Exclusão social;
- Processo de opressão das massas;
- Falta de coesão social;
- Processos culturais que intensificam o individualismo;
- Crise moral e de autoridade das instituições responsáveis pelo controle social, tais como escolas, tribunais e prisões;
- Impunidade;
- Discriminação;
- Corrupção.



Sobre as causas da violência oriunda da própria biologia, a autora destaca que há importantes debates teóricos sobre o comportamento violento ter raízes biológicas (hormônios, formações cerebrais diferenciadas etc), mas em nenhum desses estudos foi provada tal determinante (quando comparados a contextos socioculturais nos quais há violência).

SISTEMA JUDICIAL E PENITENCIÁRIO

A socióloga critica a abordagem punitiva do sistema judicial, que muitas vezes prioriza a prisão em detrimento de outras formas de punição e reabilitação. Entre outras críticas, destaca a morosidade e a burocracia dos processos, a falta de recursos e estrutura para os órgãos responsáveis pela justiça, a impunidade de crimes cometidos por pessoas influentes e a seletividade do sistema, o qual muitas vezes trata de forma diferente pessoas de diferentes classes sociais.

Com relação ao sistema penitenciário, argumenta que o nosso cárcere funciona como uma espécie de “escola do crime”, onde os presos aprendem novas formas de delinquência



e violência, e onde muitas vezes se estabelecem redes criminosas que se estendem para além das prisões.



A autora defende que é necessário repensar o sistema carcerário brasileiro, adotando medidas que priorizem a ressocialização dos presos, a redução da superlotação, a melhoria das condições de vida dentro das prisões e o respeito aos direitos humanos.

CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO

Para ela, há atualmente uma errônea noção sobre o que significa paz na atualidade. O senso comum, com o passar do tempo, relacionou a repressão policial como única maneira de se construir uma sociedade verdadeiramente pacífica, construindo, assim, uma cultura do punitivismo como solução para todo e qualquer tipo de conflito.



Segundo seu entendimento, a cultura da paz é um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e práticas que promovem a convivência pacífica, a justiça social e o respeito aos direitos humanos. É um processo que deve ser construído de forma participativa, envolvendo diferentes setores da sociedade, como instituições governamentais, organizações sociais, escolas e a comunidade em geral a fim de construir políticas sociais e preventivas, como a

valorização da juventude, a promoção do esporte e do lazer, a inclusão social e a melhoria das condições nas periferias.

Para ela, no entanto, a principal ponte entre a cultura de paz e a sociedade é a educação, pois é capaz de contribuir para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos indivíduos visando a uma conscientização do que de fato significam os direitos humanos.

TEMAS RELACIONADOS

Segurança pública
Violência pública
Políticas públicas
Participação social
Inclusão social
Desigualdades sociais
Educação Sistema judicial
Sistema carcerário
Direitos humanos
Sistema carcerário
Cultura do punitivismo
Justiça com as próprias mãos

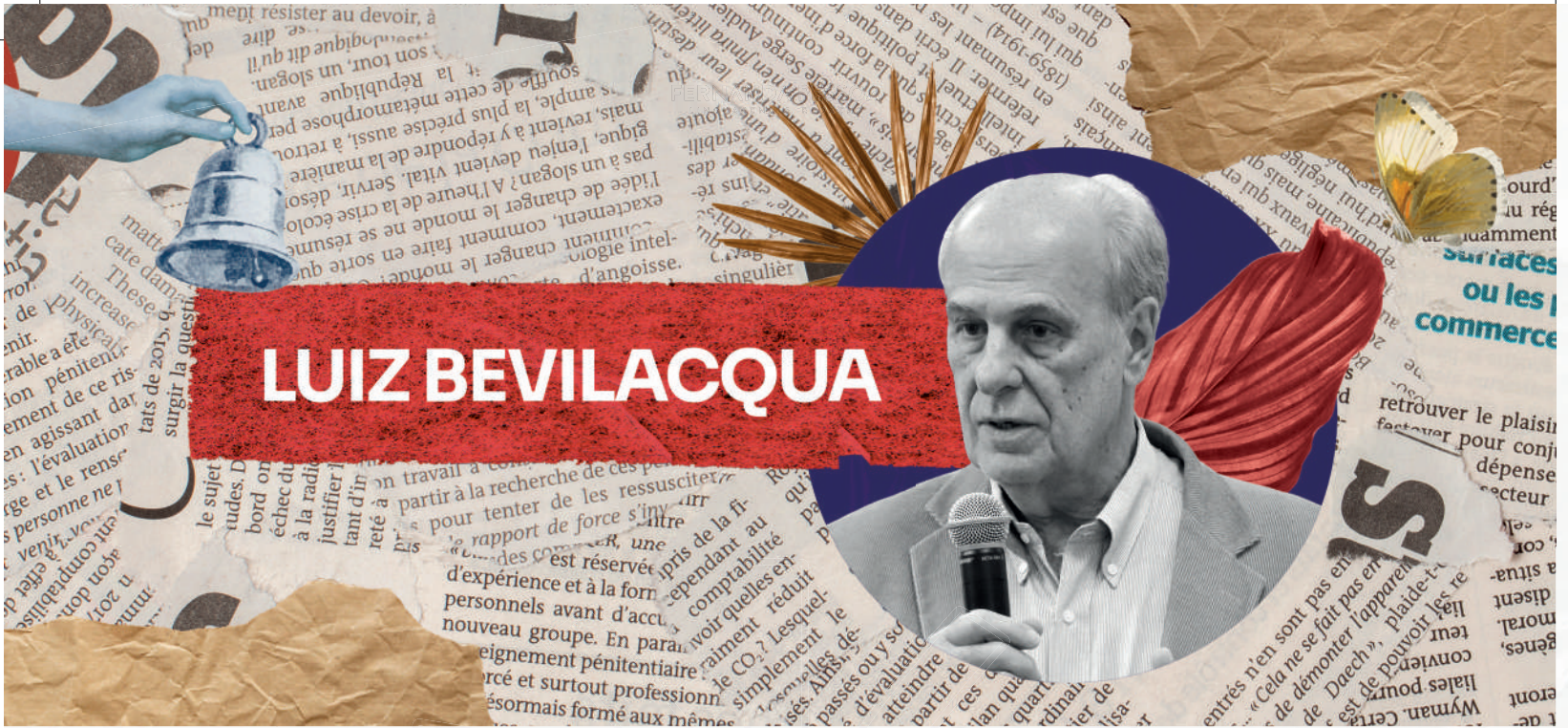


CITAÇÕES DA AUTORA

“ No Brasil, aqueles que historicamente tiveram o direito de liberdade respeitado, agora, ironicamente, dele abdicam em nome de um modo de vida recluso e seguro dentro das muralhas dos luxuosos condomínios fechados. ”

“ Ocupar as ruas, as praças e os parques é sinônimo de segurança, de luta contra o abandono, o que o Poder Público permite acontecer em razão do esvaziamento civil. ”

“ Um dos equívocos que cometemos quando o assunto é violência é o de tentar defini-la de forma a-histórica, atemporal e independente de qualquer processo cultural no qual ela está inserida. ”



LUIZ BEVILACQUA

Resumão da carreira: professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e reitor da UFRJ entre 2003 e 2011, Bevilacqua tem experiência em gestão de ciência, tecnologia e inovação, tendo sido presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) entre 1999 e 2002. Além disso, o autor é membro titular da Academia Brasileira de Ciências e recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira, incluindo o Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia em 2005.

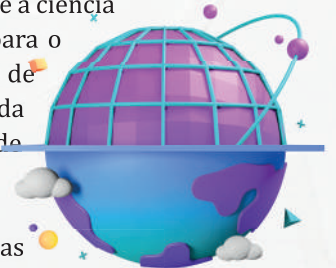
Obra analisada: Ciência e Tecnologia no Século XXI: novos paradigmas (2003)*

**Salienta-se que foi não apenas organizado por Luiz Bevilacqua, mas por Henrique E. Toma e Carlos Alberto Aragão de Carvalho. A obra, publicada em 2003 pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aborda diversos temas relacionados à ciência e à tecnologia no século XXI, como a nanotecnologia, a biotecnologia, a informática e as novas formas de energia.*



NOVOS PARADIGMAS

De forma geral, Bevilacqua argumenta que a ciência e a tecnologia, na virada do século XX para o XXI, estão passando por uma mudança de paradigma, que por sua vez está relacionada a diversos fatores, como o surgimento de novas áreas de conhecimento, o cada vez mais rápido desenvolvimento tecnológico e a crescente interdisciplinaridade entre as ciências, inclusive as humanas. Isso porque, com base em seus estudos, o autor avalia que questões tecnológicas e científicas estão deixando de ser encaradas de maneira isolada, passando a ser encaradas como uma rede interconectada de conhecimentos múltiplos e práticos, capazes de gerar soluções mais eficazes para diferentes e diversos setores da sociedade. Grande parte disso, por sinal, só existe por causa da emergência das novas áreas de pesquisa, como a nanotecnologia, a biotecnologia e a inteligência artificial, as quais estão transformando a forma como vemos o mundo e abrindo novas possibilidades para a humanidade.



Com efeito, segundo ele, essa nova visão interdisciplinar busca integrar conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento, tais como ciência, engenharia, medicina, biologia, psicologia, entre outras, para enfrentar os desafios globais da sociedade, como a mudança climática, a escassez de recursos naturais e a desigualdade social.

RESPONSABILIDADE SOCIAL E ÉTICA DAS TECNOLOGIAS

Por enxergar que a tecnologia não deve ser vista apenas como um conjunto de instrumentos para resolver problemas técnicos, como a redução da pobreza e a melhoria da saúde, e sim como um meio para atender às necessidades da sociedade e promover o bem-estar humano, defende que ela deva ser desenvolvida com uma visão mais integrada e interdisciplinar, que leve em conta seus impactos sociais e ambientais, buscando soluções que promovam a sustentabilidade e a qualidade de vida.



O autor também enfatiza a importância da ética na tecnologia, como em questões ligadas à privacidade em diferentes contextos de informação e comunicação. Ele argumenta que os tecnólogos devem estar cientes dos possíveis impactos negativos de suas inovações, levando em conta os efeitos na sociedade e no meio ambiente. Dessa forma, destaca que o aumento da coleta de dados e informações pessoais pelos serviços online e aplicativos pode representar um risco à privacidade, pois muitas vezes esses dados são usados para fins comerciais ou outras finalidades que não são do conhecimento ou interesse dos usuários.

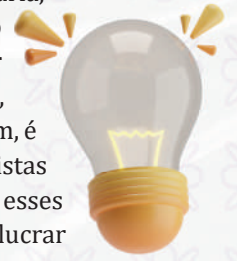
PROPRIEDADE INTELECTUAL E PIRATARIA

Na obra, a questão da propriedade intelectual é tratada como um tema importante para a inovação e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Os autores destacam que ela é um conjunto de direitos que protege as criações intelectuais, como patentes, direitos autorais e marcas registradas, e que tais proteções incentivam os inventores, pesquisadores e empreendedores a investirem tempo, dinheiro e recursos na criação e na comercialização de novas ideias e tecnologias, pois garantem que eles terão exclusividade na exploração comercial dessas criações; é, sem dúvidas, uma forma de garantir que as ideias e invenções serão reconhecidas e protegidas.

A importância dos direitos autorais e da proteção aos inventores e criadores ajuda a impedir a violação de seus

direitos contra fenômenos como o da pirataria, que consiste na cópia e na distribuição não autorizada de produtos protegidos por direitos autorais, como softwares, músicas, filmes e livros. Essa prática, apesar de comum, é ilegal e afeta negativamente os autores, artistas e empresas que criam e comercializam esses produtos, pois se reduz a capacidade de lucrar com o trabalho e no investimento que realizam.



E por mais que se entenda que práticas como a pirataria sejam reflexos de desigualdades econômicas e sociais, especialmente em países mais pobres – onde o acesso a produtos protegidos por direitos autorais pode ser limitado a questões de preço ou de disponibilidade – ela não pode ser a solução. Afinal, existem milhões de trabalhadores e trabalhadoras, de várias classes sociais, que direta ou indiretamente trabalham com produtos e serviços ligados a esse campo e acabam sendo também prejudicados com a prática. Dessa maneira, avalia que é preciso encontrar formas de garantir o acesso ao conhecimento e à cultura sem violar os direitos de propriedade intelectual.



No entanto, Bevilacqua também ressalta que a proteção da propriedade intelectual não deve ser absoluta, e que deve haver um equilíbrio entre a proteção dos direitos dos inventores e criadores e o interesse público. Ele argumenta que as leis de propriedade intelectual devem ser atualizadas e adaptadas para as necessidades e desafios da era digital, levando em conta as novas formas de compartilhamento e disseminação de informações e conteúdos.

O ÓBVIO TAMBÉM PRECISA SER DITO: SEM EDUCAÇÃO, SEM DESENVOLVIMENTO



A educação científica, para os autores, é tratada como um tema crucial para o desenvolvimento científico e

tecnológico em um mundo em constante mudança, pois somente por meio dela é que haverá uma formação de profissionais capacitados a enfrentar os desafios da ciência e da tecnologia no século XXI, e para a criação de uma cultura de inovação e empreendedorismo que estimule o desenvolvimento econômico e social.

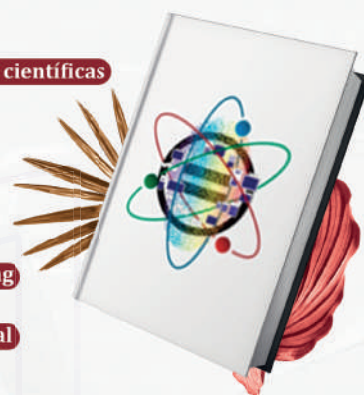


No entanto, enfatizam que ela deve ir além da transmissão de informações e conceitos científicos, e incluir a promoção de habilidades e atitudes como o pensamento crítico, a curiosidade, a criatividade e a colaboração, além de precisar

ser enxergada como um processo contínuo e integrado, a qual envolve a formação de professores e a construção de uma cultura científica na sociedade como um todo. Usa-se como exemplo dessa integração com a sociedade como um todo a própria divulgação científica, visto que é necessário que o público em geral, independentemente de sua origem social ou econômica, consiga entender a relevância da ciência e como ela afeta suas vidas.

TEMAS RELACIONADOS

- Referências
- Importância das pesquisas científicas
- Valorização da ciência
- Ensino científico e digital
- Investimentos públicos
- Redes sociais
- Limites entre o público e o privado
- Privacidade Cyberbullying
- Golpes cibernéticos
- Pirataria Economia digital



CITAÇÕES DO AUTOR

“ A real integração da educação na nova ciência e na nova tecnologia, a completude da interdisciplinaridade, não se faz sem a participação maciça de estudantes. ”

“ A universidade não é o lugar onde se ensina, mas onde se aprende. ”

“ Cada universidade com sua cultura, com sua tradição, com seu modelo, cada uma com seu modo próprio deve buscar urgentemente uma educação compatível com a nova ciência e a nova tecnologia. Troca de ideias, de experiências, intercâmbio de professores, pesquisadores e estudantes, tudo isso nos falta e é preciso que seja implantado. Deus nos livre de soluções nacionais, homogêneas, universais, que supostamente servem para todos. ”



REFERÊNCIAS

História da literatura brasileira: Das origens ao romantismo Livro – Massaud Moisés

DIAMOND, Jared (2014). *O mundo até ontem*, Rio de Janeiro: Record.

DE ALMEIDA JÚNIOR, SILVIO ET AL. COVID-19 e a infecção por SARS-CoV-2 em um panorama geral. *COVID-19 and infection by SARS-CoV-2 in an overview. Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 2, p. 3508-3522, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9101/7732#>. Acesso em março, 2023.

TEXTE, Joseph. *Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França*. Trad. Maria Luísa B. Da Silva. In: *Literatura comparada – textos fundadores*. Eduardo F. Coutinho e Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

VALLADARES, Lúcia do Prado. *A invenção da favela – Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VASSALO, Ligia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VICTOR, Adriana. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*/ Adriana Victor, Juliana Lins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

A Queda do Céu - Davi Kopenawa e Bruce Albert - Resenhando Sonhos. <Disponível em: www.resenhadosonhos.com.br>. Acesso em março, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2015. "O recado da mata". In: D. Kopenawa & B. Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

O movimento armorial. Disponível em: <<http://querepublicaessa.an.gov.br/conte-uma-historia/263-a-arte-e-nossa.html>>. Acesso em março, 2023.

PESCAROLO, Joyce Kelly. *Sociologia Urbana e da Violência*. Curitiba: InterSaberes, 2017.

CONASS (Conselho Nacional de Secretários de Saúde). *Coletânea Direito à Saúde. Dilemas do Fenômeno da Judicialização da Saúde*. Organizadoras: Alethele de Oliveira Santos, Luciana Toledo Lopes. Brasília (DF): CONASS, 2018. (Coletânea Direito à Saúde, vol. 2).

É proibida a reprodução total ou parcial, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (CP, art. 184 e Lei 9.610/80) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98).



Utilize este espaço para anotações





Utilize este espaço para anotações



Utilize este espaço para anotações





Utilize este espaço para anotações






UNIDADE RECIFE

Rua Benfica, 505, Praça do Clube Internacional do Recife
Madalena, Recife-PE - CEP 50720-001

(81) 3423.0346


(81) 3445.2244

 @cursofernandapessoa

 Curso Fernanda Pessoa

 fptv.com.br

 www.fernandapessoa.com.br

 (81) 9.9610.2244



FERNANDA PESSOA
GRUPO EDUCACIONAL